

ELITES, PODER E POLÍTICA EM FEIRA DE SANTANA-BA (1947-65)

Ricardo da Silva Campos*

Encerrando o ciclo das **administrações pessedistas** neste município – umas mais ou menos proveitosas e todas extremamente partidária e exclusivistas – assumiu o poder – no ultimo domingo, o prefeito trabalhista Sr. Agnaldo Soares Boaventura.

A solenidade de posse, prestigiada com a presença de um representante do governador do Estado e até de dois deputados pertencentes ‘a ala autonomista’ da união democrática nacional foi rematada por um grande comício em favor de Getúlio Vargas, falando, da sacada do Paço Municipal, vários oradores.

Abstemo-nos de comentar os discursos então proferidos, para que se não diga estejamos empenhados em **manter** a comuna sob **lutas** e **dissensões** intermináveis¹[GRIFO NOSSO]

O trecho acima é uma nota na primeira página do jornal Folha do Norte de 22 de maio de 1948, quase uma semana depois da posse do petebista Agnaldo Soares Boaventura. A pequena reportagem ilustra insatisfação com o resultado da eleição para o executivo municipal daquele ano e é emblemática para analisarmos disputas políticas que marcaram o período que se estende de 1945 a 1964, conhecido como período da redemocratização ou república populista².

Por detrás dessas aparentes abstenções, visando evitar lutas e dissensões, esconde-se a disputa eleitoral para o pleito de 1948. Nem nesta nota, nem em edições posteriores, não constam felicitações pela vitória do então prefeito Agnaldo Soares Boaventura, que venceu as eleições pelo Partido Trabalhista Brasileiro, derrotando Carlos Rubiños Bahia, candidato da União Democrática Nacional representando a Coligação Democrática Feirense³.

* Estudante do Mestrado em História Local e Regional da Universidade do Estado da Bahia, Campus V. Pesquisador voluntário do Laboratório de História e Memória da Esquerda e das Lutas Sociais (LABELU/UEFS). Bolsista CAPES.

¹ Jornal Folha do Norte. 22/mai/1948

² Parece-me que não existe certo consenso sobre a denominação do período de 1945-64, principalmente no que concerne ao conceito de democracia. Neste breve texto não iremos nos adentrar nessa discussão.

³ Esta coligação era formada pelo: Partido Republicano, Partido Social Trabalhista e o Partido Socialista Brasileiro. Ver Folha do Norte Jan-Dez 1947.

A nota também mostra outra característica do período. O Partido Social Democrático “o mais poderoso partido do regime da constituição de 1946[...] fundado pelos interventores nomeados por Getúlio Vargas”(HIPOLITO, 1985:27). Após a redemocratização de 1945, ex-interventores feirenses fundaram o PSD, como Agostinho Fróes da Mota, Edelvito Campello de Araújo, Eduardo Fróes da Mota, entre outros⁴.

Tanto Eduardo Mota quanto Edelvito Campello de Araújo conseguiram manter-se no poder depois da “volta do jogo democrático” (SILVA, 1992), que destituiu Vargas do seu poder de ditador. O primeiro conseguiu eleger-se Deputado da Constituinte de 1946 e o segundo vereador. Tomando como exemplo essas duas figuras, a mudança do Regime político em 1945 não alijou antigas lideranças consolidadas durante a ditadura varguista.

O encerramento das gestões pessedistas com o restabelecimento da democracia anunciado, não significou a saída, nem afastamento do PSD da política pós ditadura Vargas. O retorno das atividades democráticas deu mais força ao poder legislativo que esfera local destacavam-se as câmaras municipais. Em 1948 o PSD conseguiu eleger seis dos 11 vereadores que compunham à Câmara de Feira de Santana, sendo que os outros cinco faziam parte da União Democrática Nacional. Além de possuir a maioria na câmara, o PTB era coligado ao PSD, tanto a nível local quanto nacionalmente e tinham em comum o fato de terem apoiado Getúlio Vargas, razão pela qual o discurso de posse de Agnaldo Boaventura, provavelmente, foi no intuito de positivar o ex-ditador. A força do PSD nacionalmente é salientada por Hipólito,

Formado no ocaso do Estado Novo e composto basicamente pelos interventores nomeados por Vargas, o partido permitiu à elite política que se consolidou nos estados durante a ditadura estadonovista à possibilidade de sobreviver num regime democrático (HIPOLITO, 1985:41)

Essa “elite política”, formada por intelectuais (advogados, médicos) e agricultores e pecuaristas, permaneceu de maneira muito ativa dentro da política feirense, principalmente no pós Estado Novo. Essa elite com possibilidade de ganhos políticos com a volta da democracia se articulou com setores definindo suas bases eleitorais, políticas, ideológicas, programáticas, assim como consolidou antigas alianças

⁴ Processo crime. CEDOC/UEFS. E-3/Cx-86/Doc.1686. Dentro deste processo existe um inteiro teor do registro de fundação do PSD em Feira de Santana.

e definiu estratégias para o novo momento político. A luta política, em Feira de Santana, era travada entre os dois principais partidos nacionais: a UDN e o PSD. Mesmo com a instituição do pluripartidarismo esses dois partidos foram os que mais se destacaram: o primeiro como resultado de uma frente para depor Vargas e o segundo sob as asas do ex-ditador, ambos compostos por membros da elite econômica e/ou intelectual.

O objetivo deste trabalho é analisar estratégias de grupos políticos feirenses ligados aos dois principais partidos, a UDN e o PSD, durante o período de 1948-1965. O intervalo democrático, principalmente a nível local é um período pouco estudado pela historiografia brasileira. Este intervalo de 15 anos onde o foi marcado por um contexto de politização da sociedade brasileira como afirmam muitos especialistas (TOLEDO, 2004). Mas, este também foi um período no qual a elite política brasileira, oriundas principalmente das oligarquias agrárias, disputaram pleitos por cargos públicos com intuito de sobreviverem dentro do novo regime democrático.

A redemocratização colocou em cena a possibilidade de antigas lideranças do período Vargas continuarem no poder com antigas práticas da República Velha. Objetivando analisar a luta pela redemocratização na Bahia entre 1943 e 1945, Silva trabalha com a tese de que o período da “República Liberal” (CARONE, 1985) teve práticas políticas semelhantes aos da República Velha e salienta a persistência da tradição oligárquica na política baiana. Dando ênfase as características e as formas como grupos baianos se posicionaram, no intuito de levar o fim à ditadura varguista. Conforme explicita Silva:

Procura-se mostrar que em 1945 determinados traços e práticas, herdados da República Velha, reaparecem no processo político-partidário em diversas oportunidades e situações, a saber: na organização e articulação partidárias, nos critérios de alianças políticas, no personalismo das lideranças, nas campanhas eleitorais, no comportamento do eleitorado e, em particular na natureza dos liberais (SILVA, 1992:19)

O autor também salienta ainda a possibilidade da reincidência do coronelismo e a reativação dos currais eleitorais nos pós 1945. Essas práticas parecem estar presentes no panorama político de Feira de Santana, levando-se em consideração a população eminentemente rural; numa população de 83268 pessoas, 63518 moravam

no campo⁵. Feira estava marcada pela ruralidade e boa parte do seu eleitorado tinha que ser buscado no interior, provavelmente em locais onde existiam figuras com peso de “Coronel”⁶ e onde, certamente, esses indivíduos ainda tinha influência política.

Isto explica, por exemplo, a trajetória da campanha de Carlos Rubiños Bahia(UDN) que foi em busca do seu eleitorado no interior de Feira de Santana e, junto com a Coligação Democrática Feirense, esteve empenhado em fundar comitês distritais para aumentar o eleitorado. Foram fundados diretórios em Tiquarussu e em Ipuacu nos primeiros meses de campanha⁷, locais estratégicos que detinham grande parcela da população feirense, cerca de 22000 pessoas, mais de 25% da população total⁸. A inauguração desses diretórios eram regadas a “café, doces e bebidas”⁹, sob os cuidados atentos dos anfitriões, que disponibilizava sua residência para a delegação e o candidato Carlos Bahia. Os espaços que discutiam política, serviam como lugares de convívio social e de formação de laços de amizade entre políticos e familiares. Na grande maioria dos casos, os anfitriões dos distritos eram o presidente do diretório distrital.

François Sinerelli tratando da renovação da história dos intelectuais na França aponta caminhos para pensar intelectuais. Um dos rumos tomados pelo autor é analisar a dimensão das sociabilidades e de que forma essas pessoas se organizavam, pensavam e se articulavam. Para o autor existem fatores que constituem a base das “redes de intelectuais adultos”. “A atração e a amizade e, ao contrario, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo” (REMOND, 2003: 213). Além disso, fatores geracionais, ideológicos e afetivos fazem parte da ligação entre essas pessoas “e forçoso é constatar que, nesse engajamento, o sentimento e a afetividade algumas vezes prevalecem sobre a razão” (REMOND, 2003: 211), o que mostra que existe certa subjetividade dentro de relações

⁵ IBGE. Sinopse Estatística do Município de Feira de Santana. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1948.

⁶ Muitas vezes o jornal Folha do Norte mostra que antigas lideranças políticas, cuja representatividade e influência ainda permanecem são denominadas “coronéis”. Por exemplo: “O coronel Álvaro Simões... o Coronel Arnold Silva...”, o que mostra que o título adquirido durante a formação de guardas nacionais, ou mesmo na República Velha ainda possui prestígio e influência política.

⁷ Jornal Folha do Norte.11/10/1947

⁸ Sinopse Estatística[...] ob.cit.

⁹ Jornal Folha do Norte.11/out/1947

aparentemente pautada por interesses políticos ideológicos. Existiam formas de demonstrar esses sentimentos e aumentar redes de parentescos, como apadrinhamentos e casamentos que eram formas pelas quais a elite aumentava seus laços com membros de outras famílias e conseqüentemente seus laços de poder.

Considerando que esses grupos sejam ligados por laços de convívio social, políticos, ideológicos e de interesses, analisarei quais foram as propostas políticas adotadas por dois dos principais grupos partidários da época: UDN e PSD. Duas forças políticas que formaram a câmara de vereadores de Feira entre 1948 e 1965 assim se alternaram no executivo municipal.

Busca-se também traçar um perfil social de grupos políticos feirenses através da construção de biografia coletivas. Saber como se montaram as “identidades profissionais” (HEIZ, 2006:133) e o que faziam economicamente (já que neste período não havia remuneração para vereadores e prefeitos) com quem se casavam e onde foram educados.

Portanto, três objetivos específicos serão perseguidos transversalmente ao longo da dissertação e em cada capítulo: redes de parentesco, propostas políticas da UDN e do PSD bem como o perfil social de membros da elite feirense. Acredito que dessa forma farei uma análise mais cuidadosa do objeto de estudo elites feirenses, que de acordo com o contexto histórico mudou de posicionamento, fez novas alianças, formou novos quadros nos partidos.

Como os objetivos específicos serão buscados em cada um dos capítulos, farei uma divisão por capítulo que contemplará etapas em que UDN e PSD, direta ou indiretamente, elegeram prefeitos. Analisando o quadro de prefeitos do período e vendo a quais legendas pertenciam, percebe-se que a República Liberal em Feira de Santana foi marcada por uma divisão política em torno de udenistas e pessedistas.

Por isso o primeiro capítulo tratará da corrida eleitoral para o pleito de 1948, o primeiro depois do fim do Estado Novo, e da gestão do prefeito petebista Agnaldo Soares Boaventura que se estendeu até 1951. Ele fazia parte do PTB, outro dos partidos nacionais que surgiram no período, e que estava aliado ao PSD. Portanto, este partido foi a principal base de apoio para os petebistas, uma vez que os pessedistas retiraram a candidatura de um dos seus principais líderes políticos feirenses, o então deputado Federal Eduardo Fróes da Mota. Por isso o capítulo terá como finalidade

analisar de que forma partidos políticos feirenses se organizaram para as eleições de 1948 e, se com a volta da democracia, coronéis tiveram algum tipo de inserção política. No primeiro capítulo, ainda, trataremos da gestão pessedista de Almachio Alves Boaventura, que sucedeu Soares Boaventura, e de que forma se deu a conquista do pleito, percebendo semelhanças e diferenças em relação disputa anterior. O recorte temporal do primeiro capítulo se estenderá de 1948 a 1954.

No segundo capítulo analisarei de que forma a UDN feirense conseguiu, pela primeira vez, o cargo de maior importância da cidade. Perceber de que maneira os udenistas esquematizaram e criaram estratégias para derrotar o PSD e como conseguiram se manter no poder por dois mandatos consecutivos(1954-1962). Aqui, como no capítulo anterior, examinarei como eles conseguiram passar o poder de um gestor da UDN para outro. Foram prefeitos no período João Marinho Falcão e Arnold Silva, este último, já com longa trajetória política iniciada na República Velha. Neste trecho veremos de maneira mais acurada práticas política usadas, que por vezes, utilizavam violência para coagir outros grupos políticos, principalmente ligados a PSD. O recorte temporal do segundo capítulo se estenderá de 1954-1962.

O terceiro capítulo tratará da disputa para o pleito de 1962 e os motivos que levaram o PSD, através de Francisco Pinto, ao poder neste ano. Neste capítulo, poderemos perceber quais estratégias foram utilizadas pelo PSD para retornar ao poder, depois de duas gestões udenistas. Uma destas estratégias foi à criação de um periódico, o Gazeta do Povo, em 1959, cujo proprietário era o político Eduardo Fróes da Mota. Esse tinha sido um momento conturbado da política nacional no qual vários movimentos sociais surgiram com mais vigor, principalmente sindicatos. Ao longo do intervalo entre ditaduras, o PSD, que foi o “fiador da democracia” (HIPOLITO, 1985:14)¹⁰, acabou se dividindo entre “raposas”, antigas lideranças ligadas às oligarquias rurais, e “reformistas”, composto pela “ala moça”, que visavam reformular táticas, práticas e pontos do programa do partido (HIPOLITO, 1985). Defenderei a ideia de que um dos representantes da “ala moça” foi o feirense Francisco Pinto que venceu as eleições em 1962 para João Durval (UDN). O recorte temporal do segundo

¹⁰ Lúcia Hipólito defende essa tese e que o golpe de 1964 teve como consequência o fim da estabilidade política interna do PSD, partido que garantia estabilidade política ao regime democrático de 1946.

capítulo se estenderá de 1962-1965, que completa a temporalidade da pesquisa que se estende de 1948-65.

FONTES

Uma incursão sobre a produção historiográfica que tem como recorte espacial Feira de Santana do século XX perceberá que todos os trabalhos desse período tiveram o jornal Folha do Norte como fonte (OLIVEIRA, 2008)(PACHECO, 2009)(GOMES, 2007)(FREIRE,2007). Isso se deve pelo fato do Folha do Norte ser “o mais antigo jornal do Estado em circulação”, hoje com 101 anos de existência. Esse jornal circulou ininterruptamente, sendo a principal fonte para aqueles que desejam estudar aspectos da história de Feira de Santana do século XX. Junto com ele, existiram outros periódicos mas não obtiveram a mesma longevidade. Em pesquisas feitas por Carlos Melo, que também é escritor, conseguiu levantar 117 títulos de jornais que surgiram na cidade a partir do final do século XIX¹¹ e de todo o século XX. Encontrar outras fontes além do Folha do Norte é um desafio que persegue novas pesquisas, no sentido do diálogo com outros veículos de comunicação.

Sabemos ainda que o Folha do Norte foi fundado em 1909 por Tito Rui Bacelar, antigo coronel feirense e padrinho de Arnold Silva. Bacelar morreu, não deixando herdeiros, e o jornal foi arrematado em leilão público pelo seu ex-afilhado junto com seus irmão, Dálvaro e Raul, que eram funcionários do jornal. Desde os anos 30 o jornal permanece sob os cuidados de Hugo Silva, filho de Dálvaro.

Durante o intervalo democrático, membros dessa família, filiaram-se e montaram a UDN em Feira de Santana. Durante todo o período militaram nas fileiras udenistas contra seu principal adversário político, o PSD. Ao realizar uma investigação sobre o período, do ponto de vista político, um dos problemas enfrentados por esse trabalho foi a escassez das fontes documentais, isto é, o Folha do Norte aparecia como fonte “hegemônica” a única que registrou Feira do século XX, mais precisamente entre os anos de 1940 a 1960. Por isso optamos por vasculhar outras fontes que tragam

¹¹ Folha do Norte. 17/set/2008

informações sobre essa disputa política envolvendo esses dois grupos políticos, como processos crimes e, uma documentação indiciária, como entrevistas.

Ainda que essas fontes parecessem profícuas, restava um cruzamento de informações com outros jornais. No contexto de 1945-64, surgiram vários jornais, inclusive estudantis como o Jornal Santanópolis, cuja finalidade era ser a voz do Grêmio Cultural Áureo Filho. No entanto, o envolvimento de vários diretores do jornal com a política acabaram mudando os rumos do periódico, que passou a denominar-se O Coruja. Os jornais, que eram confeccionados por estudantes e impressos nas instalações do Folha do Norte, circularam entre 1954-57. Essas fontes, embora fragmentárias, ajudará a examinar como a “elite cultural”(MELO, 2010: 4) ¹² pensava e quais ferramentas usavam para participar da vida pública. Essas fontes, recém descobertas, foi resultado de um trabalho organizado por Carlos Melo, que os reuniu numa publicação *fac-símile* e publicou em livro.

Além disso, temos o jornal Gazeta do Povo fundado em 1959 com pretensões políticas. Surgiu para fazer frente ao Folha do Norte e como instrumento de divulgação das propostas políticas do PSD para Feira. Durante a fundação do GP a cidade estava sob duas gestões udenistas e com fortes possibilidades de continuidade no poder. Esse poderá ser visto como um “espelho” de como os pessedistas viam a administração de Arnold Silva, prefeito da época, assim como examinar projetos políticos da UDN para Feira.

O conjunto desses três periódicos, mais os processos crimes, constituem fontes documentais ainda inexploradas. A análise desses periódicos, parece-me, ainda inédita para pesquisadores que estudam Feira no século XX e sua exclusividade será combinada com necessidades específicas do trabalho ora apresentado.É desse conjunto de fontes que o corpus documental deste trabalho se constituirá.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Jose D"Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 4. ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2004.

¹².

- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico*. 2. ed Petrópolis: Vozes, 2005.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Os reis taumaturgos : O caráter sobrenatural do poder regio [na] Franca e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARONE, Edgar. *A República Liberal: instituições e classes sociais (1945-1964)*. Rio de Janeiro: Difel, 1985.
- DANTAS, Paulo Fábio. *Quebra da casca do ovo: A elite baiana e a obra do golpe 1964*. http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_01.pdf, acesso às 16/04/2009.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do estado*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FERREIRA, Jorge. *A estratégia do confronto: a frente de mobilização popular*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004.
- FERREIRA, Muniz Gonçalves. *O golpe de estado de 1964 na Bahia*. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/licitacao/observa_bahia_02.pdf>. Acesso em: 01/ Set/2008.
- FREIRE, Luiz Cleber Moraes. *Nem tanto ao mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888*. Feira de Santana, Ba, 2007. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia.
- GINSBURG, Carlo. *Emblemas, mitos e sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- GOMES, Igor. *Na contramão do sentido: origens e trajetórias do PT de Feira de Santana. (1979-2000)*. Niterói: 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *A formação e a crise da hegemonia burguesa na Bahia (1930-1964)*. Salvador: 1982. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia.
- HEIZ, Flavio. *Elites rurais representação e política: o exercício prosopográfico*. In.: HEINZ, Flávio. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- HIPPOLITO, Lúcia. *De Raposas e Reformistas: o PSD e a experiência democrática brasileira (1945-64)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MELO, Carlos Alberto. *Memórias: periódicos feirenses: Santanópolis(1954-55), O Coruja(1955-57)*. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos; Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2010
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano*. Recife: 2008. Tese(Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco.
- OLIVEIRA, Clovis Frederico Ramaiana Moraes. *De empório a princesa do sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*. Salvador: 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia.

PACHECO, Larissa Penelu. Trabalho e costume de Feirantes de Alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana. Feira de Santana, 2009. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia. Departamento de Ciências Humanas e Filosofia.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

POPINO, Rolie E. *Feira de Santana*. Salvador: Ed. Itapuã, 1968.

SANTOS, Ana Maria Fontes dos. *O ginásio municipal no centro das lutas populares em Feira de Santana (1963-1964)*. Sitientibus : Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, n. 24, jan./jun. 2001, p. 31-44.

SILVA, Aldo Jose Morais. *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana: elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833-1937)*. Salvador: 2000. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia.

SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático na Bahia, 1945*. Salvador: Assembleia legislativa, 1992.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In.: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003

TOLEDO, Caio Navarro de. *1964: o golpe contra as reformas e a democracia*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004.

VIEIRA, Rosa Maria. *Celso Furtado e o nordeste no pré-64: reforma e ideologia*. In: Projeto História: revista do programa de estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(29) Tomo 1, p.13-34, dez. 2004. EDUC: São Paulo,2004.